ISSN: 2674-9270
Volume. 7, n. 2, ago./dez. 2025

RESENHA

Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

Como nasce uma editora

How a publishing is born

RIBEIRO, Ana Elisa. Como nasce uma editora. Belo Horizonte: Entretantas, 2023. 51 p.

"Uma *editora*, afinal, pode não se localizar num edifício exclusivo, não ter um endereço comercial e mesmo não passar da atitude publicadora de um indivíduo (homem, mulher ou)" (Ribeiro, 2023, p. 16).

Yanne Maira Silva
Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: yanneletras@gmail.com

Walisson Oliveira Santos
Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: prof.walissonoliveira@gmail.com

DOI: *https://doi.org/10.46636/recital.v7i2.571*

Como citar este artigo: SILVA, Yanne; SANTOS, Walisson Oliveira. COMO NASCE UMA EDITORA. **Recital - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG**, v. 7, n. 2, p. 311–315, 2025. DOI: 10.46636/recital.v7i2.571. Disponível em: https://recital.almenara.ifnmg.edu.br/recital/article/view/571.

Recebido: *22 Mai. 2024*

Aceito: *20 Out. 2025*

Está obra está licenciada sobre uma Creative Commons Attribution 4.0 International License. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, para propósitos comerciais, sem permissão por escrito. Para outros propósitos, a reprodução deve ser devidamente referenciada. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

RESENHA

O que se torna um contexto datado quando é removido da memória e da consciência presente que o questiona e esclarece? Essa é a pergunta que Gerard Génette (2009) nos faz em seu livro *Paratextos editorais*. Nesse livro, Génette afirma que, à luz da consciência, as respostas que a editora oferece às ideologias de cada época e lugar são, em sua maioria, tensas. A edição de um livro, como uma estrutura singular e inventiva de significações, é tecida por fios resistentes e complexos que transformam os acontecimentos em sua matéria-prima, permitindo que sejam interpretados tanto no presente quanto no futuro.

É esse ponto de partida que utilizamos para justificar o nascimento de uma *editora*. Já no título de seu livro-ensaio *Como nasce uma editora* (Entretantas, 2023), Ana Elisa Ribeiro[1] abeira-se na ambiguidade em torno do termo "editora", que pode referir-se tanto a uma empresa ou uma empresa quanto a "[...] uma pessoa, uma mulher, uma empreendedora, uma aventureira, uma rebelde, uma subversiva, mas também uma submissa" (RIBEIRO, 2023, p. 15).

Organizando o livro em dois capítulos, "Ela, ela quem?" e "Elas, elas mesmas", Ribeiro explora diferentes perspectivas sobre a prática editorial, abrangendo tanto a visão interna quanto externa de uma editora. Essa abordagem revela a natureza do trabalho do editor e da editora, das editoras ou dos editores, especialmente quando se manifesta de forma autêntica, independente e radical para o nosso tempo, como ressaltado na epígrafe deste trabalho.

ELA, ELA QUEM?

No primeiro capítulo, Ana Elisa Ribeiro descreve que uma editora é definida como um espaço físico e/ou simbólico que publica textos, embora a noção de livro esteja em constante evolução devido a questões tecnológicas e outras influências no mercado editorial. Assim, uma editora não se limita a publicar apenas livros, mas também outras formas de textos que podem circular de maneiras diversas, como o *e-book*.

Nesse ponto, Ribeiro (2023) argumenta que devemos revisar a concepção tradicional de uma editora, associada a um espaço físico ou como um edifício ou escritório, para abranger uma gama de empreendimentos que podem não possuir uma localização física fixa, chegando até a ser simplesmente o projeto de uma única pessoa.

Segundo a autora, algumas editoras nascem da raiva, como resposta à falta de espaços editoriais para vozes marginalizadas, incluindo aquelas de autoria feminista, LGBTQIA+, negra ou interseccional (RIBEIRO, 2023). A decisão de editar e publicar é vista como uma atitude política, uma maneira de ocupar espaços discursivos em disputa e criar o ruído necessário nos debates. Além disso, uma editora pode nascer da percepção de uma lacuna, da necessidade de desafiar a hegemonia representada pelos catálogos mais visíveis. Ela pode surgir da publicação de um primeiro livro que provoca dissensão ou que preenche lacunas deixadas pelas grandes editoras. Em outras palavras, uma editora não precisa necessariamente ter uma estrutura física pré-definida; ou, apenas um "lampejo; outras ela terá um ciclo de vida largo, sendo pequena ou não" (Ribeiro, 2023, p. 19), independentemente do seu tamanho[2].

[1] Ana Elisa Ribeiro é Professora Titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição) e no ensino médio integrado (Redação). É doutora em Linguística Aplicada (Linguagem e tecnologia) e mestra em Estudos Linguísticos pela UFMG.

[2] A esse respeito, vale conferir a conferência indicada nas referências, realizada pelo canal do YouTube "Formação de Escritores" em maio de 2023, conduzida por Marcelo Spalding com a participação da autora Ana

Essas editoras a cada passo representam uma "voz" contrária àquelas que predominam no mercado editorial, rejeitando o que outras editoras aceitam. Esse movimento de criação de editoras é impulsionado pelo empoderamento proporcionado pelas tecnologias digitais, que democratizaram o processo de edição e publicação. De acordo com Ribeiro (2023), a edição de livros não é mais um privilégio de poucos especialistas ou de herdeiros; agora, é acessível a qualquer pessoa que deseje assumir esse papel. Ou seja, uma editora nasce quando uma pessoa decide intervir após uma série de recusas, reunindo seus desejos, paixões, sonhos e raivas para criar espaço e oportunidades onde antes não existiam.

A autora também levanta questões sobre a facilidade e a acessibilidade do processo de edição e publicação, indagando sobre os nós e obstáculos que persistem nesse contexto e onde os problemas ainda permanecem sem solução. Ela questiona em que momento a edição e a publicação deixam de coincidir e quais hibridizações específicas estão presentes atualmente. Além disso, debate-se sobre as diferentes terminologias, como "editora" *versus* "publicadora" (RIBEIRO, 2023, p. 22), e explora porque alguns empreendimentos evitam se identificar como editoras, preferindo alegar que publicam tudo, exceto livros.

Seguindo essa linha de pensamento, a ideia de que o nascimento de um livro pode implicar o surgimento de um editor ou de uma editora, mas não necessariamente o estabelecimento de uma casa editorial. Assim, destaca-se a importância da continuidade, regularidade e sistematização no processo de edição, bem como a projeção de um catálogo e futuros projetos editoriais, concluindo que a edição é um movimento em constante evolução.

Ribeiro destaca a complexa jornada entre editar e publicar, observando que poucas editoras realmente conseguem publicar atualmente. Ela reflete sobre a distinção entre essas duas ações, destacando que nem sempre quem edita consegue publicar, e muitos autores levam tempo para entender essa diferença.

A autora também observa que muitas editoras surgem em resposta à falta de materiais de leitura acadêmicos ou com o objetivo de fortalecer a literatura nacional em detrimento das obras estrangeiras predominantes. Algumas se concentram em atrair leitores jovens, enquanto outras emergem em regiões com acesso limitado a livros. Tais editoras podem operar sem um local físico fixo, empregando materiais básicos e tecnologias portáteis para produzir e distribuir livros. Algumas são dirigidas por indivíduos que usam apenas um laptop para criar e distribuir conteúdo, enquanto outras possuem uma presença física mais tradicional e enfrentam desafios logísticos e financeiros significativos.

Frequentemente, a motivação para abrir uma editora vem do desejo de publicar um livro, que serve como ponto de partida para o desenvolvimento do negócio. Muitas editoras enfrentam dificuldades contínuas e vivem em um estado de constante desafio, mas possuem a capacidade de aprender, evoluir ou, em caso de falhas recorrentes, desaparecer. Mesmo após o término de suas operações, essas editoras deixam legados na forma de livros, que continuam a existir mesmo que sejam escassos, esteticamente desafiadores ou irregulares. Tais obras, muitas vezes, são descobertas em sebos por vendedores ambulantes e livreiros de rua e são valorizados como tesouros por aqueles que os encontram, devido a persistência da editora mesmo após seu fim.

No final do primeiro capítulo, Ana Elisa Ribeiro reflete sobre as promessas de uma editora e sua capacidade parcial de cumpri-las. Ela salienta que as editoras nascem do silêncio e podem perpetuar outros silêncios desconcertantes. Também enfatiza a importância de uma editora ter uma identidade e uma assinatura reconhecíveis, embora algumas possam parecer

Elisa Ribeiro. O evento abordou a publicação do referido livro e discutiu o início da carreira de escritoras, escritores, editoras e editores.

maiores do que realmente são e enfrentem desafios para se estabelecer. Disso, questiona-se sobre o papel do editor na seleção e edição de textos e se a presença desses textos é essencial para definir uma editora.

ELAS, ELAS MESMAS

Já no segundo capítulo, Ana Elisa passa a argumentar que, para entender a importância das mulheres na edição e na literatura, é necessário ajustar o foco e reconhecer suas realizações, mesmo que elas tenham sido obscurecidas pela história dominante. Aponta-se disparidade na forma como homens e mulheres são lembrados em retrospecto, com muitos garotos que editaram folhetos sendo posteriormente canonizados como figuras literárias, enquanto mulheres que fizeram contribuições semelhantes são frequentemente relegadas a papéis secundários.

Ana Elisa também aborda a presença feminina na direção de editoras, reconhecendo que, embora homens e mulheres possam liderar editoras, essa distribuição não é equitativa e historicamente tem sido assimétrica. Destaca-se o caso de uma jovem que, há quase um século, editou uma revista literária, mostrando como suas contribuições muitas vezes são minimizadas ou subnarradas na historiografia literária — ou na historiografia editorial.

Ribeiro pontua que para compreender plenamente a importância das mulheres na edição e na literatura, é necessário ajustar o foco e reconhecer suas realizações, mesmo que tenham sido obscurecidas pela história dominante.

Mulheres editoras frequentemente operam à margem dos espaços editoriais centrais e das práticas hegemônicas, envolvendo-se em projetos muitas vezes negligenciados pelo *mainstream* editorial[3]. Ao editar, uma mulher pode publicar livros que abordam temas ou perspectivas ausentes no cenário editorial dominante, desafiando, assim, os padrões estabelecidos de importância e relevância. Dessa forma, uma *editora* pode ser compreendida como uma maneira de adquirir poder, muitas vezes em resposta a uma percepção de falta ou a um silenciamento percebido.

Além disso, Ana Elisa destaca a importância das mulheres na edição, exemplificando com o caso de uma mulher negra que percebeu a falta de livros de autoria de pessoas negras e decidiu agir. Ela enfatiza que, embora essas mulheres raramente ocupem espaços centrais na indústria editorial, elas são capazes de criar editoras inovadoras e engenhosas, através de táticas e insurgências, em contraste com o modelo predominante de editoras dirigidas por pessoas brancas com alta escolaridade.

A autora contrasta essa oposição entre mulheres na edição com a prática corriqueira entre homens de reconhecer e construir sobre os trabalhos uns dos outros. Ela argumenta que essa ideia de sucessão é vital para fortalecer e manter a presença das mulheres na edição ao longo do tempo. Apesar dos desafios enfrentados por mulheres editoras, como a misoginia e disparidades salariais, muitas delas afirmam ter tido carreiras justas e conseguido se estabelecer no campo editorial. A autora ressalta a complexidade do sistema editorial,

[3] O termo "*mainstream* editorial" refere-se ao conjunto de práticas e discursos dominantes que regem o mercado do livro e da publicação, geralmente associados a grandes grupos empresariais e à lógica mercadológica de larga escala. John B. Thompson (2012) observa que as editoras comerciais estão inseridas num ecossistema altamente competitivo, no qual decisões editoriais são moldadas por estratégias de visibilidade e rentabilidade. Em contraste, as editoras independentes ou de nicho buscam tensionar esse sistema, abrindo espaço para obras e vozes que não se encaixam nos padrões hegemônicos.

comparando-o a uma “floresta pulsante”[4], e enfatiza a importância de não desconsiderar as experiências das mulheres que trabalham nesse ambiente.

Sobre a presença das mulheres no mercado editorial, especialmente em cargos de liderança e tomada de decisão, Ribeiro (2023) ressalva a importância de investigar o impacto dessa presença feminina no cenário editorial, questionando se houve mudanças significativas e em que direções elas ocorreram. Para isso, ela menciona a obra da professora Constância Lima Duarte, que aborda a participação das mulheres na edição de periódicos no século XIX, observando que algumas editoras desse período buscavam romper com o discurso patriarcal, enquanto outras o mantinham. Ressalta-se a necessidade de estudar mais profundamente o papel das mulheres na edição de livros, incluindo as editoras feministas e seus projetos políticos, além de analisar como os catálogos refletem diferentes discursos e perspectivas.

Nessa totalidade, a autora questiona o significado e a natureza tanto dos livros quanto das editoras, destacando que esses conceitos não são fixos e podem variar dependendo do contexto. Ela pondera sobre a relevância do livro na existência de uma editora, reconhecendo-o como um elemento central, mas também enfatiza que a simples atitude de publicar não é suficiente e levanta questões sobre os diversos aspectos envolvidos na produção e repartição de livros, como tiragem, distribuição, aspectos comerciais, e presença em diferentes mídias.

REFERÊNCIAS

FORMAÇÃO DE ESCRITORES. Como nasce uma autora e uma editora. **YouTube**, 9 mai. 2023. 1h15min12s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9-fqxwq9vsM. Acesso em: 22 abr. 2024.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. — (Artes do livro; 7).

RIBEIRO, Ana Elisa. **Como nasce uma editora**. Belo Horizonte: Entretantas, 2023.

THOMPSON, John B. **Merchants of culture**: the publishing business in the twenty-first century. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2012.

Editores do artigo

Alex Lara Martins, Jandresson Dias Pires e Mariana Mapelli de Paiva

[4] Ao descrever o sistema editorial como “vivo feito uma floresta pulsante” (RIBEIRO, 2023, p. 47), a autora utiliza uma metáfora orgânica para representar a vitalidade, complexidade e interdependência que caracterizam o campo da edição contemporânea. A imagem sugere um ecossistema dinâmico, composto por múltiplos agentes — editoras, autores, leitoras, gráficas, livrarias — que coexistem e se transformam mutuamente. Tal comparação reforça a ideia de que o universo editorial é diverso e autossustentável, movendo-se em constante renovação, crescimento e reconfiguração simbólica, tal qual uma floresta em contínua expansão.